

ISSN 2675-7281

Volume 04 - Nº 24, Dezembro/2023

[عقم]CORPOS

revista pós-pornográfica de fotografia





Esta revista leva o selo DUOCU,
formado pelos artistas
Bruno Novadvorski &
Chris, The Red
www.duocu.art.br



editorial

Chegamos ao final de mais um ano e com ele, concluimos mais o quarto volume da [pós] CORPOS e só posso dizer que me sinto muito feliz e realizado com o caminho que a revista tem trilhado. Idealizei a revista para ser um espaço de fotografia que celebra as artes das sexualidades e hoje, fomos para além da imagem e fomos para a escrita. A revista tornou-se um espaço de conexão entre diferentes olhares sobre temáticas tão importantes

Direitos e Comprometimento:

As imagens constantes na [pós]CORPOS® são de autoria do seu criador - Chris, The Red - e por outros artistas que, gentilmente, as cederam para serem publicadas com as devidas permissões de direitos autorais.

A [pós]CORPOS® está comprometida com artistas e todos os direitos autorais estão reservados. Nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem autorização prévia por escrito do editor-chefe da [pós]CORPOS ou do artista.

Outras imagens - que possam ser utilizadas - são livres de direitos autorais. No entanto, se houver uso injusto e/ou direitos autorais violados, entre em contato.

São Paulo - SP

[pós]Corpos® é uma publicação bimestral idealizada e criada pelo designer gráfico, artista visual e fotógrafo Chris, The Red, co-fundador do DUOCU em parceria com o artista visual Bruno Novadvorski. [\[www.thered.com.br\]](http://www.thered.com.br)

Volume 04, Nº 24, Dezembro/2023 (ISSN 2675-7281)

Edição e Redação Chris, The Red **Capa** Bruno Novadvorski (fotografia) **Ensaio Fotográfico Principal:** Bruno Novadvorski **Corpas Falantes:** João Vitor Barroso da Silva **Ensaio Pornossexualgráficos:** Tetsuo Takita **Logotipo** The Red Studio by Chris, The Red **Projeto Gráfico e Direção de Arte** The Red Studio by Chris, The Red

para nossos tempos: arte, gênero, sexualidade, pornografia, desejo, identidade para citar alguns. E só tenho a agradecer a todas as pessoas que já passaram por aqui seja com suas imagens ou suas escritas. **MUITO OBRIGADO!** Nesta edição, voltei no tempo e trouxe para o ensaio principal, um conjunto de fotografias realizadas em 2019 pelo Bruno Novadvorski, durante a sua participação da Residência Artística Sexual, em São Paulo. Na coluna Corpas Falantes, temos a escrita drag de João Vitor, graduando de Artes Visuais da UERJ e, na coluna Ensaio Pornossexualigráficos, as fotos desnudas de Tetsuo Takita. Mais uma vez, obrigado. E lembrando a todes, todas e todos sobre o Dezembro Vermelho. Desde 1987, todos os anos, no dia 1 de dezembro é celebrado o Dia Mundial de Luta Contra a Aids, uma data que une forças universais para a conscientização sobre o vírus. Fique Sabendo. Faça o Teste . <3

Chris, The Red

bixa designer gráfico artista visual

fotógrafo editor-chefe



Nota do editor

Esta é uma publicação de arte e fotografia que contém cenas de nudez, sexo explícito e genitais. Consulte com cuidado caso sinta-se ofendido. Todas as imagens presentes nesta publicação são de autoria do editor/criador Chris, The Red. Assim, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem prévia autorização.

Se tiver interesse de participar como modelo nos ensaios fotográficos das próximas edições, entre em contato: conexao@duocu.art.br



Sue por Chris, The Red (Rio de Janeiro, 2023)

Agradecimentos

Bruno Novadvorski

João Vitor Barroso da Silva

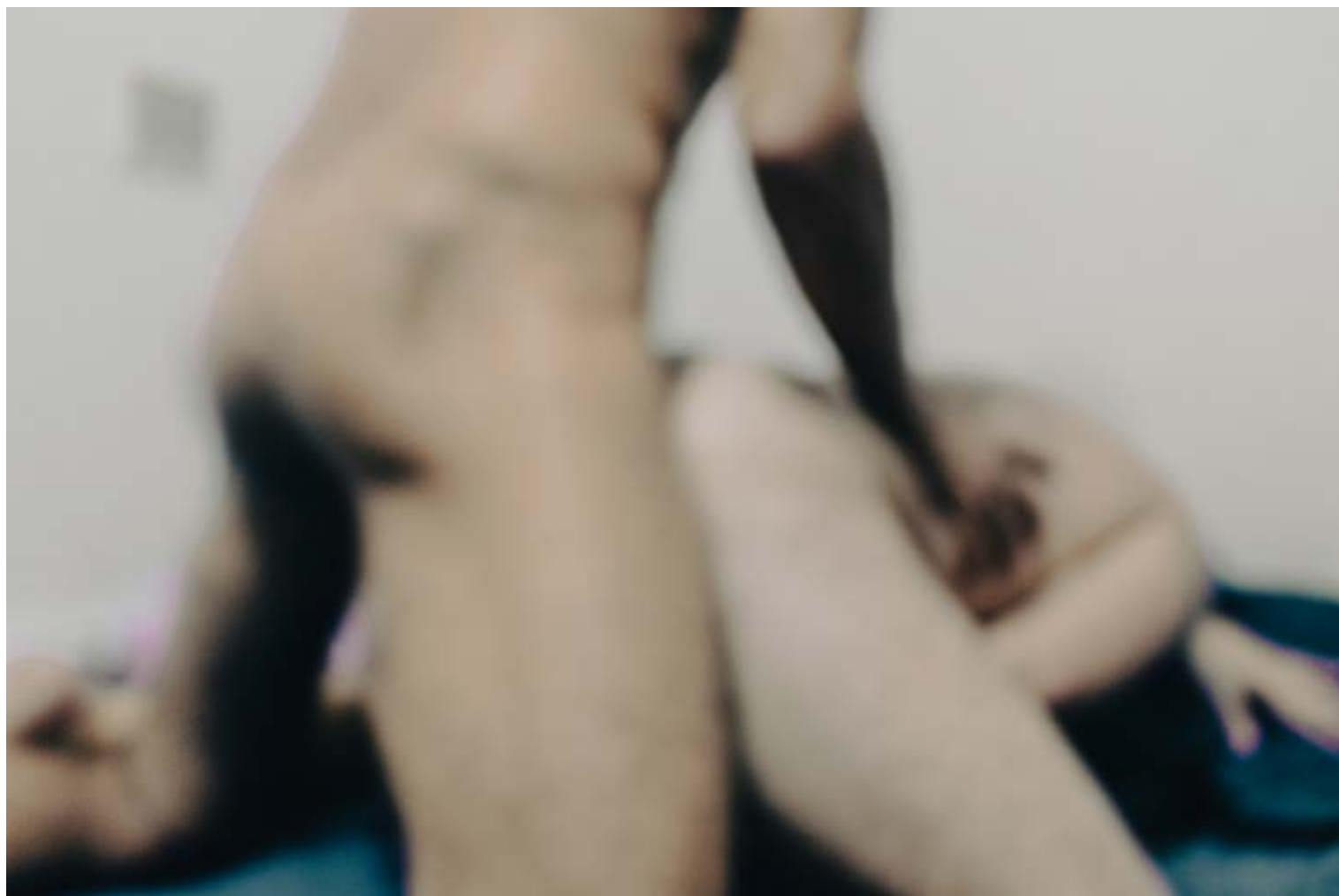
R.

Tetsuo Takita













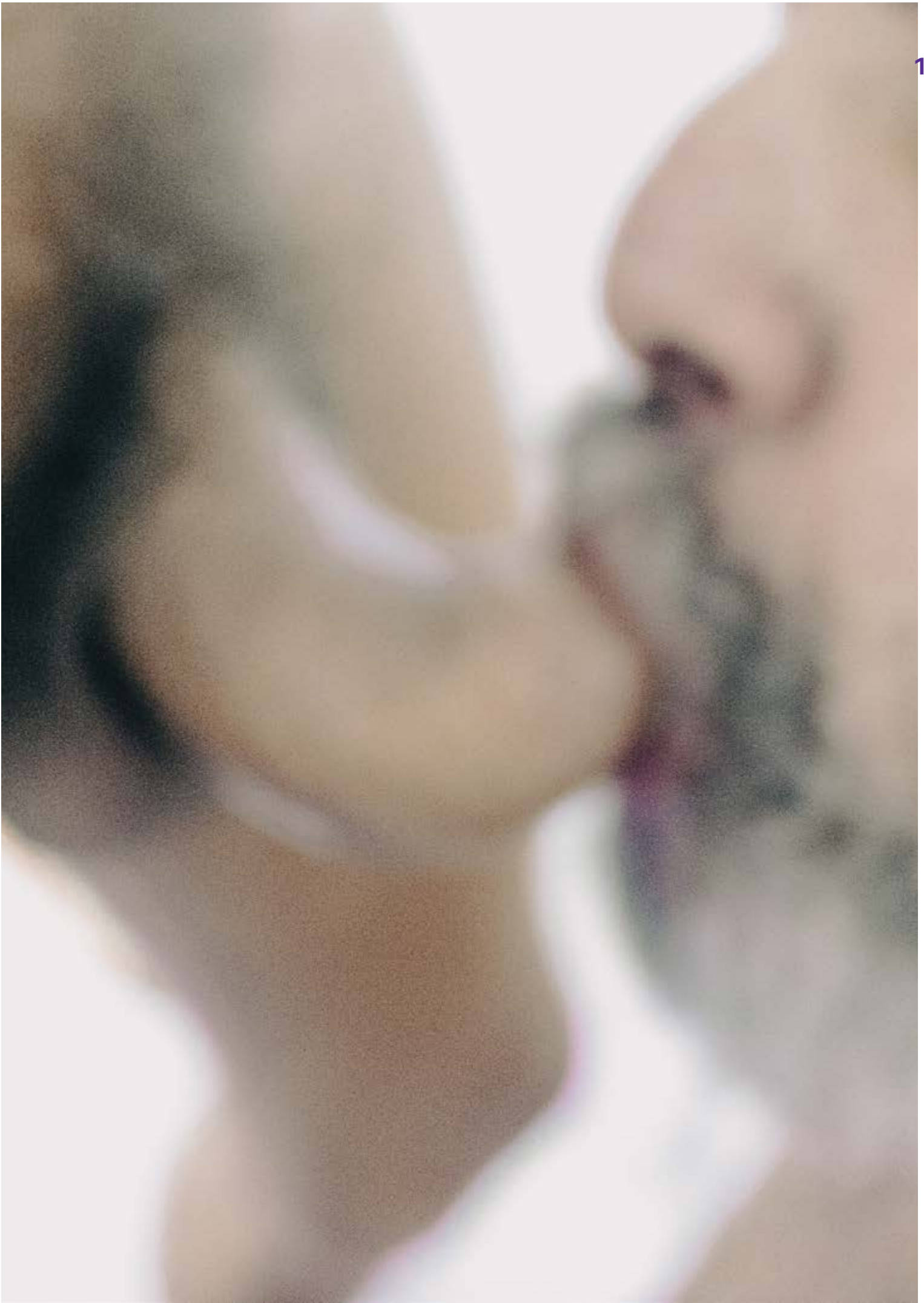






















































[pós]**CORPOS:** R. e Chris, The Red

Fotografia: Bruno Novadvorski

São Paulo/SP, 2019

 @etraeuconoded  @chris.thered

CORPAS FALANTES

Drag não é bagunça! Montação, possíveis significados e representações

João Vitor Barroso da Silva

Introdução

Entre as inúmeras heranças que a cultura da Grécia Antiga deixou ao mundo ocidental está a sua produção artística. Esculturas feitas em bronze ou mármore a partir de estudos anatômicos apurados e projetos arquitetônicos primorosos permeiam imaginários coletivos até os dias de hoje. No entanto, além dos campos da escultura e da arquitetura, outras linguagens artísticas foram amplamente desenvolvidas em cidades-Estado gregas e se consolidaram como parâmetros em seus campos de produção, entre elas o teatro.

Uma das principais características do teatro grego era sua relação direta com a vida em sociedade. Na cidade-Estado Atenas, as histórias encenadas - sobretudo, as trágicas - costumavam representar a grandeza e os desafios do convívio na polis, o que fica claro, por exemplo, em *Antígona*. Na peça, Sófocles retrata o drama de uma das filhas de Édipo, que decide seguir a lei dos deuses e enterrar o cadáver de seu irmão assassinado em combate, desobedecendo seu tio e promovendo questionamentos acerca dos limites da autoridade do Estado.

O papel de personagens femininos em tramas como a Antígona de Sófocles evidencia aspectos sobre o lugar da mulher na sociedade grega. Para o tirano Creonte, assim como para os considerados cidadãos gregos, uma mulher jamais poderia desobedecer às ordens de um homem.

A mulher que a tragédia focalizava definia-se como modelo ao qual a polis sistematicamente representava como marginalizada e oprimida. Isto porque estas mulheres corajosas configuravam-se como um perigo para os homens por agir, falar e atuar no espaço público destinado dos homens.
(VICENTE, 2008, pg. 28)

Além do modo com que personagens femininas eram representadas nas tragédias gregas, é preciso compreender a maneira com que se dava a participação de mulheres nos teatros: do lugar de espectadoras, apenas. Por mais que ocasionalmente as tramas se desenrolassem em torno de protagonistas femininas, como em Antígona, mulheres eram impedidas de atuar. “O palco clássico da Antiguidade excluía as mulheres” (BERTHOLD, 2001, p. 136).

Em vista da necessidade dessas personagens para o desenrolar das tramas, surge na sociedade grega o costume de papéis femininos serem representados por atores masculinos. Esses homens, utilizando-se de recursos cênicos e cenográficos - como figurinos e máscaras adornadas -, exerciam mulheres que as mulheres eram impedidas de exercer.

Ao tratar do surgimento histórico da montagem, inúmeros pesquisadores sugerem a sociedade grega como marco, relacionando o que faziam os atores gregos com o que produzem drag queens atualmente, porque, em ambos os casos, homens performariam figuras femininas com alguma finalidade artística - o que é um equívoco. A arte drag vai na contramão da opressão de gênero; ela surge na comunidade queer como uma resposta à sexopolítica, desafiando a repressão que acompanha a binaridade, e em nenhum sentido reafirmando-a, como no caso grego.

Drag é um conceito necessariamente contemporâneo. Correlacionar o que produziam atores gregos, os kathakali¹ indianos, o teatro kabuki² japonês ou as encenações sacras do medievo³ com artistas que se montam na atualidade é anacrônico, sobretudo em vista do distanciamento temporal, social e cultural que faz com que os sistemas de crenças que separam essas sociedades operem de maneiras diferentes.

Precisamos estar atentos para o caráter específico (e também transitório) do sistema de crenças com o qual operamos; precisamos nos dar conta de que os corpos vêm sendo “lidos” ou compreendidos de formas distintas em diferentes culturas, de que o modo como a distinção masculino/feminino vem sendo entendida diverge e se modifica histórica e culturalmente. (LOURO, 2004, p. 76).

Diante disso, surge a dúvida: então o que é drag? Com base no que afirmam especialistas em gênero e sexualidade, além

1 Estilo de teatro-dança característico do sul da Índia conhecido por seus movimentos leves, em que apenas a presença de artistas masculinos é permitida.

2 Estilo cênico que surge no Japão no século XVII e é constituído originalmente apenas por jovens dançarinas, que acabam sendo obrigadas a deixar sob acusações de irem contra a moral da época, sendo são substituídas por jovens atores adolescentes que continuam interpretando figuras femininas.

3 Era comum que no medievo personagens femininas de peças sacras - como Maria, por exemplo - fossem interpretadas por rapazes adolescentes, visto que mulheres eram impedidas de atuar.

de histórias, relatos e montações do circuito brasileiro, pretendo neste artigo discutir possibilidades de respostas a essa pergunta que façam mais sentido com o que produzem artistas drag atualmente do que “homens que se vestem de mulher”.

Drag:

Significados e Apontamentos

Em entrevista ao programa Provoca, apresentado pelo ator, roteirista, diretor e escritor Marcelo Tas, que foi ao ar no dia 25 de janeiro de 2022, a drag queen Rita Von Hunty respondeu a essa pergunta - o que é drag? - da seguinte maneira: “Drag é uma expressão artística que joga com a nossa noção, entendimento e percepção de gênero. Qualquer coisa que vá nessa direção é drag.” (PROVOCA, 2022). A resposta de Rita, apesar de direta, é complexa, e por isso a analisarei por partes.

“Expressão artística...”. O que diferencia, por exemplo, uma drag queen de uma travesti é que drag é um personagem, uma persona, um alter ego. É uma criação momentânea. Possui uma finalidade artística, e mais rápido do que se monta, se desmonta - diferente de uma identidade de gênero, que implica constância.

Além disso, compreender que as identidades de gênero das artistas não definem os rumos de suas montações é importante para entender o contexto da cena drag atual. Todes podem - e devem - fazer drag do seu jeito. É preciso vencer paradigmas que permearam por gerações o imaginário coletivo acerca da montagem - de que existem apenas dois formatos de drag (as queens e os kings), que, definitivamente, homens se apresentam em personagens masculinos e mulheres

em femininos, e que apenas as queens merecem destaque, sucesso e, conseqüentemente, aqué⁴ pelo seu trabalho.

47

“... que joga com a nossa noção, entendimento e percepção de gênero. ...”. A arte drag obriga o espectador a desnaturalizar a performance batida, silenciada e cotidiana de gênero. Ela nos tira do transe.

Utilizando-se de recursos como a paródia, a autoficção, plumas, strass e paetês, artistas drag dramatizam o âmago em que culturalmente gênero se estabelece, confundindo, provocando, fascinando intencionalmente quem vê, e, sobretudo, rompendo limites e pressionando as tensões entre os pólos do binarismo.

Seria a drag uma imitação de gênero, ou dramatizaria os gestos significantes mediante os quais o gênero se estabelece? Ser mulher constituiria um ‘fato natural’ ou uma performance cultural, ou seria a ‘naturalidade’ constituída mediante atos performativos discursivamente compelidos, que produzem o corpo no interior das categorias de sexo e por meio delas? (BUTLER, 2018, p. 8)

Nesse sentido, a paródia é utilizada como estratégia discursiva. É no modo como se estabelecem os papéis de gênero que drag’s encontram sua fonte de inspiração. Essas artistas os estudam, compreendem, imitam, exageram e, assim, os subvertem: características fundamentais de uma paródia.

É exatamente a paródia - esse formalismo aparentemente introvertido - que provoca, de forma paradoxal, uma confrontação direta com o problema da relação do estético com o mundo de significação exterior a si mesmo, com um mundo discursivo de

sistemas semânticos socialmente definidos
(o passado e o presente) - em outras palavras,
com o político e o histórico.
(HUTCHEON, 1991, p. 42)

Quando o artista se monta, não tem pretensão alguma de se tornar aquilo que imita. Um drag king não é um homem, e nem deseja ser. O que ele faz é dramatizar uma ideia de masculinidade, demonstrando, assim, o quanto o binarismo é um sistema frágil. Montado, de gravata e bigode, ele atesta que gênero não passa de uma construção social, e que Butler estava certa: tudo se resume em uma grande performance - a diferença é que, em drag, a performance deixa de acontecer de modo forçado, coagido e pré-estabelecido e se torna intencional, se torna uma escolha. "Isso [a paródia] pode significar apropriar-se dos códigos ou das marcas daquele que se parodia para ser capaz de expô-los, de torná-los mais evidentes e, assim, subvertê-los, criticá-los e desconstruí-los." (LOURO, 2004, p. 86)

Um termo muito utilizado na América Latina desde, pelo menos, a década de 60 para se referir ao processo artístico de montagem de homens cis e travestis em figuras femininas - hoje lidas como drag queens - era o chamado transformismo. O Brasil foi palco de transformistas que se tornaram verdadeiras divas da noite LGBT, como Rogéria, Miss Biá, Silvetty Montilla, Laura di Vison, Brigitte de Búzios e inúmeras outras.

Segundo Igor Amanajás, a expressão foi caindo em desuso com o boom midiático internacional que recebeu o termo drag a partir da década de 90 (AMANAJÁS, 2014, p. 18). Não há consenso entre os historiadores sobre quando o termo drag - que,



traduzindo de maneira literal, significa “arrasto” ou “arrastar” - se tornou sinônimo da arte de montagem. No entanto, é possível afirmar que na atualidade drag teve - e continua tendo - seu significado expandido, passando a incluir outras possibilidades de montagem que fogem da lógica queen que historicamente representava o transformismo, o que, juntamente com a midiatisação do termo, explica sua utilização mais recorrente e o baixo emprego de transformismo pela comunidade de artistas atualmente.

Em entrevista à Dia Estúdio, Silvetty Montilla, transformista brasileira que fez e faz história dentro e fora dos palcos com seu senso de humor único há mais de 35 anos, comentou sobre como ainda hoje se identifica como transformista e não drag, sobretudo por questões etárias e geracionais. Em suas palavras: “Eu até hoje me considero um ator transformista [...] a drag veio bem pra cá depois de RuPaul’s Drag Race [...] Mas eu respeito quando me chamam de drag [...] é que eu tenho cara de que tenho mais de vinte e oito anos.” (DIA ESTÚDIO, 2022).

Outra transformista que marcou a história da noite LGBT brasileira foi Laura de Vison. Norberto Chucri David, professor de história da rede pública de ensino e artista da cena, era quem dava vida à diva. Figurinos extravagantes e maquiagens feitas sob fundo branco, com contornos bem marcados, cores chamativas e cílios extensos eram suas marcas registradas. Segundo relatos, em sala Norberto era um professor aplicado, que já chegou a se vestir de Cleópatra para contar a história do Egito Antigo. Já no palco, Laura não tinha tanta ternura; era conhecida por sua comédia afiada, personalidade única e shows com pitadas de escatologia (TREVISAN, 2018, p. 244).



Essas histórias sobre Laura de Vison e Norberto demonstram que é preciso se atentar ao que o movimento transformista representa, sobretudo na teia de relações estabelecidas entre arte e vida. O termo transformismo evidencia o caráter de paródia da montagem, porque ressalta o aspecto de transformação comum a essas artistas. Uma transformista não representa, uma transformista se transforma.

Além da paródia, outro aspecto que precisa ser levado em consideração a respeito da arte drag é o seu caráter autoficcional. A indumentária, o jeito de se comunicar, o catwalk: tudo isso é inventado. Parte fundamental do processo de assumir uma nova identidade é criá-la. Tomar isso como fato é compreender drag enquanto um processo artístico, criativo.

Em um momento anterior ao processo de montagem – ou até mesmo no durante –, a artista precisa tomar decisões sobre quem será o seu personagem, como ele se dará. O nome é um passo importante, porque não pode vir desacompanhado de uma boa história, e o mesmo vale para sua personalidade. Será caricata, andrógino, patricia, gótico, cover, bate cabelo ou camp? Como ele fala? Como ele anda? As possibilidades são infinitas, a atenção aos detalhes é fundamental. No entanto, a persona precisa nascer de algum lugar. Um desejo, uma curiosidade, uma referência. E é isso que faz de drag um processo autoficcional.

O termo autoficção foi criado pelo escritor e teórico do campo da literatura Serge Doubrovsky, e faz referência a um gênero literário em que a autora se traduz num personagem, unindo a autobiografia à ficção, o que é real ao que é inventado. “Ficção, de fatos e

acontecimentos estritamente reais.” (DOUBROVSKY, 2014, p. 120), nas palavras de Serge.

53

Drag possui um caráter autoficcional inerente. Por se tratar de uma arte da performance, o corpo do artista é o suporte para o surgimento, após camadas grossas de tinta, pó e tecido, do personagem. Dos interesses às habilidades, dos limites físicos à liberdade criativa: tudo importa e se materializa no resultado final. “Quem você seria se pudesse ser quem quisesse?”. Essa pergunta é central. Drag é inventar em cima do que já existe, para que se possa existir em cima de uma invenção.

Ingridy Carvalho é baiana, natural de Salvador, e formada em direito. Em entrevista concedida ao portal Correio 24 Horas quando ainda era formanda, comentou que sua maior pretensão profissional era atuar na militância LGBT. Além de advogada, Ingridy é atriz, e, segundo ela, é quem dá vida ao primeiro drag king de Salvador. Renomado na cena, Caio Roberto surgiu em 2013 no Cabaré Drag King, um espetáculo produzido por Adriana Prates. “Caio Roberto é um homem de não muito mais que 1,7m, bem vestido e sedutor, que está prometido para o casamento com diversas drag queens de Salvador.” (GAUTHIER, 2023)

Além de Caio Roberto, Ingridy revela na entrevista que se apresenta ainda em outras duas personas drag queens, Nágila e Maria de Lurdes. Enquanto Caio Roberto é um garanhão, Nágila é pura sensualidade e Maria de Lourdes uma mulher-macho, segundo Ingridy. A forma com que a artista discute sua relação com essas diferentes personas que apresenta evidencia a dimensão autoficcional da arte drag, demonstrando a porosidade das camadas que separam a arte da artista quando o assunto é montagem

Acho que Nágila tem uma sensualidade que é minha, mas está potencializada. Caio, por outro lado, gosta

de desconstruir as questões de gênero como eu. Diferentemente do que possa parecer, não é apenas a atriz que se doa aos seus personagens. Muitas drags que conhecem Ingridy se dirigem a ela como Caio, mesmo quando ela não está montada, e mostram que também há nela algo que suas criações deixaram.” (GAUTHIER, 2023)

“... Qualquer coisa que vá nessa direção é drag”.

A última parte da definição de Rita lembra um dos muitos bordões de RuPaul Charles: “Nós todos nascemos nus e o resto é drag”. Com essa fala, RuPaul ressalta que o que a montagem faz é deslocar papéis de gênero que já existem, mas que se encontram cristalizados. Todos fazemos drag porque gênero em si não passa de uma construção a que socialmente estamos submetidos e performamos desde que nascemos.

No entanto, por mais válido que seja o apontamento, é preciso compreender o lugar da arte nisso. Mesmo que seja um termo abrangente, é necessário ter cuidado na hora de apontar o que é ou não drag, principalmente porque nem todo aquele que se monta - todos nós, segundo RuPaul - faz isso com intenções artísticas, críticas ou subversivas como drags fazem. É o caso dos atores gregos citados anteriormente. Aqueles eram homens que representavam papéis femininos em um outro contexto histórico, social, político e geográfico, não drags.



Conclusão

Artistas e falas como as que foram apresentadas neste ensaio nos permitem compreender um pouco do que significa drag e da dimensão e importância do circuito drag e transformista brasileiro. Nomes como Kaká Di Polly, Silvetty Montilla, Miss Biá, Laura di Vison, Salete Campari, Márcia Pantera e tantas outras são referências de coragem e resistência na luta da comunidade LGBTQIAPN+ à décadas, muitas delas tendo se montado em tempos em que drag não era considerado arte, era caso de polícia. Com o passar dos anos e devido a uma série de fatores como o avanço dos movimentos sociais e das mídias digitais, a arte drag foi rompendo os limites do subterfúgio da vida noturna das metrópoles e se tornou cada vez mais o fenômeno pop que se compreende atualmente. Hoje em dia, enquanto Pabllo Vittar e Gloria Groove revolucionam a indústria musical e dominam os principais palcos do país, Rita Von Hunty trata sobre filosofia e política nas redes sociais e em universidades por todo Brasil, as Themônias ocupam cada vez mais espaço nas galerias de arte, Kings of the Night e outros coletivos consagram a importância da produção de artistas drag kings, Bianca DellaFancy é capa das principais revistas de moda e Suzy Brasil lota shows de comédia.

O que todas essas artistas têm em comum é o caráter fundamental da performance drag: a contestação ao sistema binário de papéis de gênero. É na maneira como estão estabelecidos padrões estéticos, de comportamento, modos de ser e de existir associados ao masculino e ao feminino que drags se inspiram e produzem sua arte.

No entanto, definir conceitualmente o que é (ou não é) drag é desafiador. Montação é brilho, é disfarce, é truque, é glamour. São os saltos plataforma, as camadas de meia-calça, as barbas falsas e as perucas de filamento. É histórico, político e sensível. Tem drag que aquenda⁵, tem drag que usa faixa para esconder os seios e tem drag que raspa as sobrancelhas, mas tem drag que não. Não há um passo a passo, um formato pré-concebido; mas há um cuidado estético, uma preocupação com o resultado visual. Em conjunto, há também um processo de reflexão e construção de uma identidade. A definição proposta por Rita Von Hunty nos oferece um caminho, mas não uma conclusão. Porque drag é muita coisa, ou pelo menos mais do que esse artigo é capaz de apresentar em poucas páginas. O que se pode afirmar, segundo o ditado popular, é que mesmo sendo tudo isso e ainda mais, tem uma coisa que drag definitivamente não é: bagunça.

REFERÊNCIAS

AMANAJÁS, Igor. Drag Queen: um percurso histórico pela arte dos atores transformistas. *Revista Belas Artes*, São Paulo, n. 16, set-dez/ 2014.

ARAM, André. Kaká di Polly: “Duvido que vocês publiquem esta entrevista na íntegra”. *Gayblog*, São Paulo, 21 de jun. de 2020. Disponível em: <<https://gay.blog.br/entrevistas/kaka-di-polly-duvido-que-voces-publiquem-esta-entrevista-na-integra/?amp>>. Acesso em: 10 de out. 2023.

BORTOLOZZI, Remom Matheus. A Arte Transformista Brasileira: Rotas para uma genealogia decolonial. *Quaderns de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 123-134, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1274>>. Acesso em: 05 de nov. de 2023.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. 22ª edição. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

DIA ESTÚDIO. Silvetty Montilla abre o jogo sobre carreira, desafios, drags brasileiras e muito mais! | DiaCast. YouTube, 5 de jun. de 2022. Disponível em: <<https://youtu.be/AQiY5jNI-gk?si=xA2snSbRkdrl20MV>>. Acesso em: 13 de nov. de 2023.

GAUTHIER, Jorge. [Mais amor, por favor!] Estudante de Direito luta contra o

⁵ O termo “Aquendar”, que também deriva do pajubá, significa esconder, além de fazer referência a uma série de processos utilizados para encobrir órgãos sexuais.

preconceito atuando como primeira drag king de Salvador. Correio 24 Horas, Bahia, 17 de maio de 2016. Seção Rede Bahia. Disponível em: <<https://blogs.correio24horas.com.br/mesalte/mais-amor-por-favor-estudante-de-direito-luta-contr-o-preconceito-atuando-como-primeira-drag-king-de-salvador/>>. Acesso em: 13 de nov. de 2023.

HUTCHEON, Linda. Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer - uma política pós-identitária para a educação. Estudos feministas, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200012>>. Acesso em: 09 de set. de 2023.

LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. Discursos fora de ordem: sexualidade, saberes e direitos. São Paulo: Annablume, 2022.

NORONHA, Jovita Maria Gerheim. Ensaios sobre a autoficção. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

PRECIADO, Paul B. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". Estudos Feministas, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, jan-abr. de 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000100002>>. Acesso em: 01 de out. de 2023.

PROVOCA. Rita Von Hunt | #Provoca. YouTube, 25 de jan. de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/Sru_iq_6ybg?si=na2G_Pwu189AXTAL>. Acesso em: 15 de out. de 2023.

SANTOS, Joseylson Fagner dos. Cara, Coroa e Rainha: Gênero no espelho das drag queens. Anais do Evento Fazendo Gênero 10: Desafios Atuais dos Feminismos. Florianópolis, Set. de 2013, online. Disponível em: <http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373310494_ARQUIVO_Cara,coroaeRainha_FazendoGenero10_.pdf>

THURLER, Djalma; AZVEDO, Armando. A arte é divina demais para ser normal: Drag Queens e políticas de subjetivação na cena transformista. Revista Crioula, Bahia, n. 24, 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/162603>>

TREVISAN, João Silvério. Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4º ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VERNANT, Jean-Pierre; NAQUET, Pierre Vidal. Mito e tragédia na Grécia Antiga. São Paulo: Perspectiva, 2002.

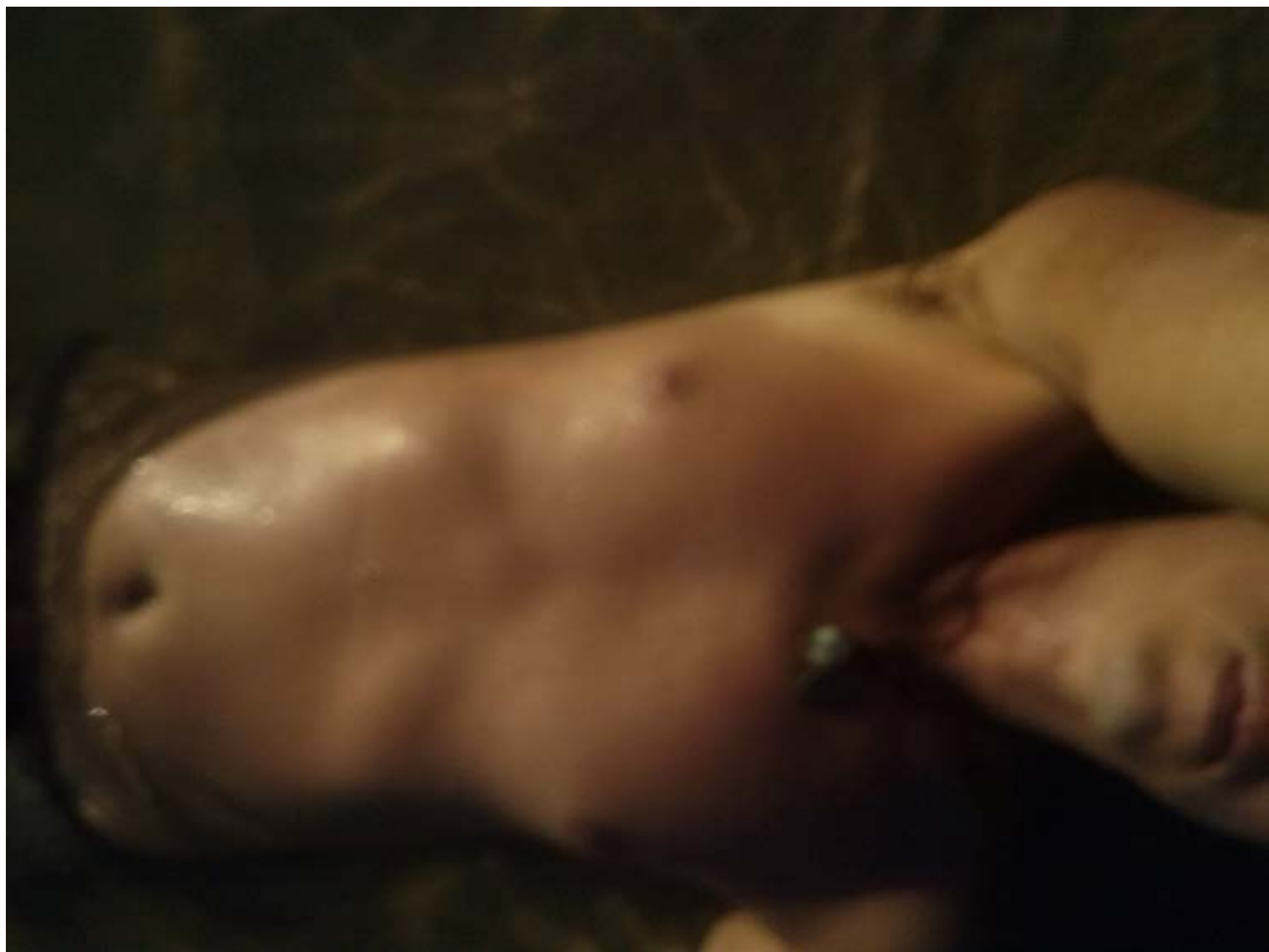
VICENTE, Andréia. É no teatro como na vida: contradições e tensões a respeito do lugar da mulher em Atenas (V século). Revista NEArco, Rio de Janeiro, v. 1 n. 2, 2008. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/nearco/article/view/39283>>

João Vitor Barroso da Silva é formando em Licenciatura em Artes Visuais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, estudante de Bacharel em Artes Visuais também pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com experiência em mediação em educação inclusiva e projetos de pesquisa no campo do ensino da arte. Possui interesse nas intersecções entre os campos de estudo de gênero, sexualidade e educação, e atualmente concentro minhas pesquisas na arte drag e seus aspectos históricos, políticos, estéticos e pedagógicos.



@joao_barroso02

ENSAIOS PORNOSEXUALIGRÁFICOS



Praia da Pipa

por Tetsuo Takita

Nu viemos e nu iremos



















Tetsuo Takita. Multiartista, nascido em Blumenau, SC. Produtor Cultural pelo Programa Avançado de Cultura Contemporânea UFRJ e pela Incubadora Petrobrás. Performer Ator pela Escola Técnica Estadual de Teatro Martins Penna. Roteirista de cinema e games pela Escola Tempo Glauber. Membro Artivista do Coletivo. Embaixadore na @todxsbrasil. Cineclubista, foi curador do Cine Clube Sta. Luzia Sesc RJ e Editor e videografista tvbe/tvunivali,SC. Livros publicados: Personagem de Mim Mesmo I a 7 Ed. Clube de Autores Coletâneas: - Um Rio de Cores Ed. Metanóia O Som da Chuva Ed. TL - Bezerra da Silva 90 anos... Flup -Poesias Flupp 2016 -Cidade de Deus 50 anos (HQ) -Seis Temas à Procura... -De Conchas e de Clarice Sesc SC -Revista Apalpe-Petrobrás.



@tedipassaro



<https://youtube.com/@TetsuoTakita>

Tem um ensaio pornossexualigráfico (pornográfico, erótico, pós-pornográfico, explícito, metafórico e afins)? Envie seu ensaio entre 05 a 10 imagens e se ele for aprovado, será publicado em uma das edições da [pós]CORPOS.

Acesse e preencha o formulário:

<https://forms.gle/Fsbu8BpnWDDGu3iYA>

Dia Mundial de Combate à AIDS

por Chris, The Red

(fotografia, Rio de Janeiro/RJ, 2023)













